

## LITERATURA DE TESTEMUNHO E REGIME MILITAR: BREVES APONTAMENTOS TEÓRICOS

Suellen Batista<sup>1</sup> (UFPA)  
Tânia Sarmiento-Pantoja<sup>2</sup> (UFPA)

**Resumo:** Com base nos estudos sobre o testemunho, enquanto narrativa testemunhal e teoria do testemunho, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre as possibilidades de análise de narrativas ficcionais, que se apropriam de aspectos composicionais de narrativas de testemunho. As considerações tecidas foram baseadas em um *corpus* formado por contos publicados entre os anos de 1967 e 2001 (contos pós-64), cujos textos realizam um processo de ficcionalização do relato de tortura, sendo esta relacionada ao Regime Militar brasileiro de 1964. Tal recorte foi delimitado, pois, ao realizarmos a análise destes contos, fez-se necessário utilizar teoria do testemunho, no entanto esta abordagem tornou-se problemática, em virtude das formulações teóricas encontradas não abarcarem as peculiaridades dos textos selecionados. Desse modo, lançamos a hipótese de que para empregarmos a teoria do testemunho, na análise das narrativas, são necessárias algumas (re)ordenações teóricas, que viabilizem análises, ao mesmo tempo, formais e históricas. Para tanto, iremos nos basear, principalmente, nas formulações acerca do conceito de testemunho de Márcio Seligmann-Silva (2003) e Élcio Cornelsen (2011).

**Palavras-Chave:** Literatura de Testemunho; Contos pós-64; Regime Militar; Narrativas de resistência.

### INTRODUÇÃO

O século XX é marcado por uma imensidão de acontecimentos catastróficos que provocaram ressonâncias na literária produzida durante e/ou sobre o período, dentre as quais podemos destacar o surgimento de um subgênero narrativo: o testemunho (CORNELSEN, 2011, p. 10). Esse subgênero caracteriza-se por trazer relatos de sobreviventes àqueles eventos extremos. O local de nascimento do testemunho será responsável por um traço muito recorrente nas narrativas: a impossibilidade. Ela surge, primeiramente, em razão de as marcas, provocadas pelos eventos traumáticos no narrador, serem agressivas, configurando uma ferida que ressurge e dói, cada vez que o evento é lembrado ou é narrado. Segundo, por serem narrativas ligadas a eventos

<sup>1</sup> Suellen BATISTA. Universidade Federal do Pará. (UFPA). suellen\_380@hotmail.com

<sup>2</sup> Tânia SARMENTO-PANTOJA. Universidade Federal do Pará. (UFPA). nicama@ufpa.br

históricos que, muitas vezes, possuem contornos políticos e tentativas de silenciamento, em virtude de arbitrariedades e/ou violências tematizadas, denunciadas e/ou registradas por estes textos, e desse modo os testemunhos esbaram em uma impossibilidade ligada à circulação.

Os estudos sobre esse subgênero narrativo formam um vasto campo de investigação, em virtude de os textos permitirem abordagens ligadas à dimensão histórica, ética e estética, que os circundam. Vale ressaltar que o termo testemunho pode tanto corresponder ao resultado de um relato (escrito ou oral), quanto à concepção teórica a qual viabiliza a reflexão sobre a composição do texto produzido pela testemunha. Quando observado sob esta segunda conotação, nos deparamos com um viés teórico muito rico, firmado sob o diálogo entre diversas áreas, como, por exemplo, a história, a filosofia e a psicologia, e pautado em uma matéria recente, fruto de um contexto, por vezes, contemporâneo aos estudos teóricos. Por isso, ficamos diante de estudos, ainda em formulação.

Com o intuito de contribuir para as discussões sobre o testemunho, enquanto viés teórico, propomos algumas reflexões sobre possibilidades de abordagem de narrativas ficcionais que realizam um processo de apropriação de características do testemunho publicado como não fictício, ou seja, relatos de sobreviventes a eventos extremos. Os textos selecionados para este estudo versam sobre um dos tipos de narrativa de testemunho que focalizam como temática as ditaduras militares que assolaram a América Latinas por volta da década de 1960. Partimos da hipótese que, para utilizarmos a teoria do testemunho, na análise das narrativas, são necessárias algumas (re)ordenações teóricas, para viabilizem análises, ao mesmo tempo, formais e históricas.

Utilizamos como critério para delimitação do *corpus* o gênero textual (conto) e o evento narrado. O primeiro, em razão da extensão, repercute em uma concisão do relato; uma estruturação que dá conta de diversos aspectos e informações em uma extensão mínima. O segundo está centrado nos relatos de tortura ligada ao regime militar brasileiro, as chamadas narrativas pós-64<sup>3</sup>. Em suma, elegemos como recorte o gênero

---

<sup>3</sup> Adaptação da denominação criada por Silviano Santiago (2001) – Literatura pós-64 – para referir as produções que dialogam tematicamente com o regime militar instalado no Brasil em 1964, e abarcam tanto as produções contemporâneas ao regime, quanto as produções lançadas décadas depois do fim do

conto, mais precisamente, contos cujo núcleo narrativo são cenas de tortura em alusão às atrocidades cometidas pelo governo militar contra seus opositores. Selecionamos como *corpus* um total de oito contos de diferentes autores e de diferentes períodos<sup>4</sup>, com o objetivo de observar e analisar as recorrências composicionais presentes nas narrativas. Porém, apesar de ter como foco uma análise de dimensão formal, ela só é possível se pensada associada com o contexto histórico. Sendo assim, tornou-se necessário eleger um viés que permitisse uma análise das dimensões política e estética das narrativas, daí optarmos pela teoria do testemunho, pois esta conjuga em suas formulações aspectos ligados à composição textual e aos elos que os textos possuem com o contexto histórico de publicação e/ou de enunciação das narrativas. Assim, tal abordagem nos permitirá tecer pontes entre os contos com o contexto histórico.

Vale salientar que o intuito deste trabalho não é uma análise individual das narrativas referidas, mas a apresentação das conclusões a que chegamos acerca das possibilidades de abordagem teórica.

Iniciemos este enveredar pela discussão acerca do testemunho.

## 1 Sobre o testemunho

Os estudos sobre o testemunho formam um campo vasto de investigação, por lidarem com uma matéria cara a diferentes áreas que é a *memória*<sup>5</sup>, mais precisamente a

---

período de exceção, mas que repercutem formal e tematicamente as aporias presentes nos relatos sobre o período militar brasileiro.

<sup>4</sup> “Acudiram três cavaleiros”, de Marques Rabelo, publicado em 1967; “O mar mais longe que vejo”, de Caio Fernando Abreu, publicado em 1970; “Pedro Ramiro”, de Rodolfo Konder, publicado em 1977; “O jardim das oliveiras”, de Nélida Piñon, publicado em 1980; “Saindo de dentro do corpo”, de Flávio Moreira da Costa, publicado em 1982; “O leite em pó da bondade humana”, de Haroldo Maranhão, publicado em 1983; “Não passarás o Jordão”, de Luiz Fernando Emediato, publicado em 1984; e o último, “A mancha”, de Luis Fernando Veríssimo, publicado em 2003.

<sup>5</sup> O conceito de memória por nós admitido nas discussões desenvolvidas está em consonância com a acepção apresentada por Maria Vilela (2000, p. 50) de que “a memória é uma história com homens”, pois ao delimitar este conceito a filósofa estabelece uma ligação entre a dimensão individual e coletiva, presente quando se reflete sobre a memória. Tal posicionamento permite pensar o conceito atrelado a sua dimensão histórica, construída a partir de seu oposto: o esquecimento. Isto é, a memória, ao mesmo tempo em que funciona como uma possibilidade de manutenção da cultura; possui a sua contrapartida, o esquecimento, e este, por sua vez, será responsável por tornar possível a tentativa e/ou apagamento do que é indesejado pela sociedade (ou parte dela). E neste jogo de apagamento e manutenção o testemunho irá adquirir um papel importante, porque ele poderá impedir a exclusão de acontecimentos traumáticos do registro cultural, da história. Ele constitui o que Walter Benjamin denomina de reminiscência a qual relampeja em momento de perigo, pois “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja

rememoração e narração de um fato selecionado em razão de sua excepcionalidade. Portanto, denominamos por testemunho, grosso modo, o depoimento e/ou a fala de alguém, comumente, em juízo, ou seja, uma fala construída a partir da recuperação da lembrança de um evento importante para o indivíduo que dá seu testemunho e/ou para grupo ao qual ele pertence (testemunho jurídico). Tal fala é caracterizada por primar pela veracidade e precisão do que é dito, devido à peculiaridade e à importância do fato apresentado. O testemunho em si, enquanto ato de relatar, apresenta três grandes acepções, e estas, por sua vez, nos permitem perceber os contornos das proposições que abordam a relação entre literatura e testemunho.

Segundo Seligmann-Silva (2003, p. 8), essas três definições têm como ponto de partida a experiência vivida por um indivíduo, e corresponde a uma de sentido jurídico (o relato da testemunha ante o tribunal), outra de sentido histórico (de registro de um determinado período e determinado por uma matéria histórica) e uma última no sentido de “sobrevivência” a um evento-limite traumático vivenciado pelo indivíduo. Em níveis diferentes, um mesmo testemunho pode abarcar as três definições.

Seligmann-Silva (2003, p. 9) afirma, também que os estudos sobre a teoria do testemunho é um campo de pesquisa que ainda está se firmando no Brasil e que compreende as formulações teóricas que embasam a análise e reflexão sobre as narrativas testemunhais. Neste estudo lançamos mão das duas acepções, ou seja, visamos discutir sobre as proposições teóricas, de modo a torná-las viáveis para análise dos textos, e pensamos a escritura (composição) das narrativas testemunhais, cujos textos analisados neste trabalho não correspondem ao testemunho (enquanto subgênero narrativo<sup>6</sup>), mas a textos ficcionais que realizam um processo de apropriação das características composicionais das narrativas de testemunho.

Vale salientar que, em virtude do contexto do qual as narrativas emergem, a necessidade de narrar adquire o status de registro das vivências do período, um registro muito peculiar, pois vai além de uma transmissão das memórias, constituindo um registro de dimensão política e com contornos de embate, daí o motivo de essas

---

irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”. Para mais informações sobre o conceito pode-se consultar o artigo “A propósito da memória: algumas considerações teóricas”, de Lizandro Calegari (2011). Esse texto apresenta um mapa das abordagens realizadas sobre o conceito.

<sup>6</sup> Segundo o Professor Élcio Cornelsen (2011), narrativas de testemunho são textos “fruto da necessidade de se relatar sobre as violências atravessadas por aquele que narra” (CORNELSEN, 2011, p. 10).

narrativas serem, também, denominadas de narrativas de resistência.

Ao revisarmos a teoria já elaborada sobre o testemunho, nos deparamos com a delimitação de duas grandes vertentes denominadas: *Shoah* e *testimonio*. Ambas ligadas a fatos e/ou eventos históricos marcantes. A primeira, relacionada ao massacre judeu nos campos de concentração, e, a segunda, à história de opressão nos países latino-americanos e aos regimes autoritários instaurados na região a partir da década de 1940. Abordar tais aspectos acarreta entender as peculiaridades formais e temáticas nas produções de cada vertente, mesmo percebendo e pontuando a existência de aspectos em comum entre elas.

Cornelsen (2011, p. 11-12), com base em estudos desenvolvidos pelo professor Márcio Seligmann-Silva (2003 e 2005), pontua a possibilidade de delimitar três critérios basilares para a compreensão das vertentes: O âmbito (local onde se teoriza o conceito), o evento histórico (acontecimento marcante para o âmbito) e a forma de pensar (formulações teóricas utilizadas na construção das abordagens). O autor sintetiza os aspectos desses campos no seguinte quadro:

	ZEUGNIS	TESTIMONIO
<i>Âmbito</i>	Alemanha	América Latina
<i>Evento histórico</i>	Shoah e Segunda Guerra Mundial	Ditadura; exploração econômica; repressão às minorias étnicas, às mulheres e aos homossexuais
<i>Forma de Pensar o testemunho</i>	Psicanálise (trauma) teoria e história da memória	Tradição religiosa da confissão, apresentação de vidas “exemplares” tradição da crônica e da reportagem

(CORNELSEN, 2011, p. 12)

Porém, ao observar tal organização, ressalve-s, muito produtiva por permitir olhar para as peculiaridades das narrativas testemunhais e, ao mesmo tempo, sinalizar concepções teóricas, notamos que as vertentes, tal como dispostas, não nos permitiriam realizar a análise pretendida, ou seja, optar por uma ou outra vertente (*Zeugnis* ou *testimonio*) não bastaria; era necessário pensar em um meio termo; outra

possibilidade de abordagem. Pois, as narrativas estudadas realizavam uma tentativa de ficcionalização do testemunho da tortura, isto é, eram textos ficcionais que incorporavam aspectos de um testemunho de tortura, tais como hesitações, repetições, utilização de metáforas. Essas estratégias tentavam reconstruir o vivido por meio de palavras. Desse modo, o *corpus* era composto por narrativas, as quais lidavam com os processos de rememoração do trauma e, muitas vezes, rompiam e/ou subvertiam os postulados acerca desse tema, aspectos estes abarcados pelos estudos da *Zeugnis*. Porém, os textos selecionados, ao mesmo tempo, remetiam ao contexto das ditaduras latino americanas, e, por isso, enquadravam-se como narrativas de *testimonio*.

Então, para realizarmos a análise, fez-se necessária a proposição de outra possibilidade de abordagem teórica, com base nas formulações já existentes, sendo o quadro, proposto pelo professor Cornelsen, re-organizado da seguinte forma:

	ZEUGNIS	TESTIMONIO	
<i>Âmbito</i>	Alemanha	América Latina	<b>América latina</b>
<i>Evento histórico</i>	Shoah e Segunda Guerra Mundial	Ditadura; exploração econômica; repressão às minorias étnicas, às mulheres e aos homossexuais	<b>Ditadura</b>
<i>Forma de Pensar o testemunho</i>	Psicanálise (trauma) teoria e história da memória	Tradição religiosa da confissão, apresentação de vidas “exemplares” tradição da crônica e da reportagem	<b>Psicanálise (trauma) teoria e história da memória, apresentação de vidas “exemplares” e teoria literária</b>

Parece, em um primeiro momento, uma ordenação muito simplória; uma mera mescla de abordagens. No entanto, essa fusão irá nos permitir uma análise mais profunda das narrativas, pois nos possibilita perceber que estamos diante de narrativas de resistência (textos com forte ligação com o contexto histórico), as quais se apropriam de aspectos e/ou construções de narrativas testemunhais (textos que surgem sob outro signo que não o da ficção pura e declaradamente). Em outras palavras, temos uma abordagem teórica a nos permitir analisar os textos selecionados aliando o caráter ficcional, histórico e composicional dos contos.

Tomemos como exemplo dessas possibilidades de análise o estudo de um aspecto recorrente nas narrativas analisadas: a meta-reflexão.

## 2 A meta-reflexão em narrativas de testemunho

A referida característica surge em razão do papel decisivo que a rememoração assume nos contos. Pois, a memória de quem narra ordena e seleciona os aspectos enunciados na narrativa de testemunho. E este ato de rememorar, por se tratar de situações de extrema violência, torna-se problemático, uma vez que para uma vítima de tortura (para retomarmos a temática dos contos estudados) os atos de relembrar e narrar, serão sempre um reviver dos fatos; um reviver do trauma. Nesse sentido, o relato será sempre problemático, e a possibilidade de sua transformação em narrativa, chegará a ser questionada até mesmo pela testemunha que tenta dar sua versão dos fatos. Em virtude de os contos se proporem a recriar estas aporias do relato, os textos encerrarão em sua tessitura reflexões sobre a construção do ato de narrar, ou seja, a narrativa chama nossa atenção para o fato de não estarmos diante de uma fala tranquila e espontânea, mas sim de um relato problematizador das angústias e impossibilidades que envolvem o testemunho. Essa percepção só adquire contornos nítidos se aliarmos as questões de construção textual à noção de trauma, e este, conceitualmente, a abarcar a noção de destruição e de superação.

E como perceber textualmente tais formulações?

Elas surgem de diversos modos nas narrativas. Daí termos desde afirmação direta do narrador a exemplo do trecho do conto de Caio Fernando Abreu “O mar mais longe que vejo”:

Meu corpo está morrendo. A cada palavra, meu corpo está morrendo. Cada palavra é um fio de cabelo a menos, um imperceptível milímetro de ruga a mais uma mínima extensão de tempo num acúmulo cada vez mais insuportável (ABREU, 2005, p. 45).

No excerto anterior, há uma associação direta entre narrativa e morte, da qual decorre o estabelecimento de uma ligação entre o relato e a dor. Falar sobre a vivência traumática é uma forma de aproximação da morte, que não é apresentada como algo

negativo, pelo contrário, a vida após a vivência traumática é insuportável (para usarmos o termo elegido pelo narrador), e a morte surge como uma possibilidade de alívio da dor constante provocada pelo trauma e reacendida durante o processo de rememoração.

Outro exemplo de ocorrência da característica estudada está no conto de Luiz Fernando Emediato, intitulado “Não passarás o Jordão”, publicado em 1984. O texto é construído de modo a dar visibilidade também a outro aspecto da narração da violência: o registro. Ao apresentar três narradores – Cláudia B., um torturador e um narrador em terceira pessoa – além de diversos documentos, como atas de reuniões no congresso, atestado de óbito e reportagens. Por meio destas diversas enunciações criam-se no conto múltiplos olhares sobre o fato narrado, o que imprime uma sensação caleidoscópica na narrativa, responsável por transformar em elemento da composição estética a impossibilidade de retomar, de modo exato e incontestável, o fato.

Selecionamos para análise um trecho da narrativa, no qual os relatos surgem de duas formas: por meio da atividade de rememoração dos fatos ocorridos durante a prisão, incluindo as seções de tortura sofrida pela personagem Cláudia B., e um relatório encaminhado pela personagem para o Conselho Nacional de Direitos Humanos. Tais construções ficcionais nos levam a refletir sobre as aporias que circulam o testemunho, assim como as limitações deste gesto e/ou construção para escrita da História. Nesses acervos, os mesmos fatos são narrados utilizando construções distintas, pois compõem momentos de narração diversos: o primeiro corresponde ao testemunho da narradora, e, o segundo, à transcrição deste testemunho, como podemos observar a seguir:

**Fragmento 1:** Me bateram. Me bateram pela primeira vez, um murro na face esquerda. Tudo escurece, sinto uma dor funda e longínqua bem no fundo da cabeça. Foi só um murro, apenas um murro, [...]. Eles começaram, meu Deus.[..] Me derrubaram. Não quero me levantar, está bom aqui no chão. Frio, mas é bom. Quero dormir. Me chutam. Na cabeça, na barriga, nos seios, no ventre. Não consigo me levantar, minhas pernas estão bambas e fracas. Roda. Roda, roda, roda. Tudo roda. Roda, roda, roda. (EMEDIATO, 1994, p.202)

**Fragmento 2:** Antes que trouxessem as fotografias, devo lembrar que me espancaram aos muros e pontapés, e embora eu não tivesse forças para me levantar do chão, para onde me empurravam, chutavam-me violentamente enquanto eu não o fazia por minhas próprias forças.



Seus chutes visavam principalmente a cabeça, o ventre, as nádegas e os seios. Ainda nesta primeira sessão interrogatória, desmaiei, em virtude da extrema violência dos golpes. (EMEDIATO, 1994, p.224-225)

Esta dupla enunciação de um mesmo fato nos leva a refletir sobre os limites e/ou alternativas encontrados para realização do registro de um fato histórico. No caso dos fragmentos anteriormente elencados a elaboração desperta a nossa atenção para dois aspectos:

Primeiramente, o fato de o registro oficial da violência, legitimada durante o regime militar para a manutenção do poder, não abarcar a dor/o sofrimento causado pelas agressões, pois o que é dado como documento/registo das violências cometidas durante aquele período para garantia do Estado são documentos semelhantes ao fragmento 2, no qual é central o fato: quem bateu, como bateu, quem apanhou etc. Uma descrição concisa sem dar conta da densidade de sentimentos envolvidos na agressão, tão pouco dos vestígios que a vítima carrega por toda vida.

Em segundo, nos faz pensar sobre os limites do testemunho do sobrevivente da violência da qual o narrador foi vítima, pois ao narrar essa vivência, deverá dar conta da reelaboração de um momento que foge às percepções humanas; pela dor e crueldade nela presentes. Essas implicações levam o narrador a recorrer a formas diversas de construções narrativas para construir o relato, ou seja, o ficcional é usado para reelaborar o real, pois a vivência narrada foge às concepções do que é possível enquanto ação humana. Nota-se no fragmento 1 que, paralelamente à sucessão dos fatos, temos a exposição dos pensamentos e das sensações que a personagem vivenciou. Logo, nota-se uma ordenação textual não comum, composta por repetições, sequências apresentadas por meio de um paralelismo ritmado, responsável por criar um tom monótono e vertiginoso, o qual inscreve na narrativa a constância da violência e, ao mesmo tempo, a intensidade da agressão no corpo da vítima. Temos nesse exemplo a meta-reflexão emergindo da seleção dos narradores e, conseqüentemente, dos modos de narrar.

Percebemos por estes dois exemplos apresentados o quanto a análise dos textos selecionados necessita de uma ligação com a teoria do trauma, que segundo as ordenações teóricas mais recorrentes, não compõe a forma de pensar o *Testimonio*. Logo, a ordenação teórica proposta nos permitiu uma abordagem mais completa dos

textos, nos possibilitando conjugar diversos aspectos presentes no texto de modo a culminar em uma análise mais profunda dos contos.

### Considerações finais

As considerações aqui desenvolvidas visaram refletir sobre as alternativas de abordagem dos textos que se apropriam de aspectos da escritura do testemunho, e cujo enfoque pudesse comportar a relação entre a dimensão interna (escrita) e a externa (contexto histórico) do conto. Além disso, de acordo com o exposto, afirmar que a hipótese levantada foi confirmada, pois, ao reordenarmos as formulações teóricas, foi possível realizarmos novas abordagens dos textos que contidos no *corpus*, e analisarmos aspectos outrora não comportados pelos demais vieses teóricos existentes.

### Referências bibliográficas

- ABREU, Caio Fernando. *Caio em 3D: O essencial da década de 70*. [contos, correspondência, poesia e depoimentos]. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- CALEGARI, Lizandro Carlor. A propósito da memória: algumas observações teóricas. In: CALEGARI, Lizandro Carlor; UMBACH, Rosani Ketzer (orgs). *Estética e política na produção cultural: as memórias da repressão*. Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. O testemunho na chave do trauma. In: CALEGARI, Lizandro Carlor; UMBACH, Rosani Ketzer (orgs). *Estética e política na produção cultural: as memórias da repressão*. Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011.
- EMEDIATO, Luiz Fernando. Não Passarás o Jordão. In: \_\_\_\_\_. *Verdes anos*. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. 1989. Poder e alegria: A literatura brasileira pós-64 – Reflexões. In: \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio (org.). *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- VILELA, Eugénia. Corpos Inabitáveis. Errância, Filosofia e Memória. *Enrahonar*, nº 31, p. 35-52, 2000.